

análise política



Agronegócio brasileiro: evolução e perspectivas

Nos últimos anos, a tecnologia alcançada pelos produtores rurais brasileiros tem refletido no aumento da produtividade no campo

Por Bárbara Majadas



Não é de surpreender alguém o fato do Brasil, a cada década, a cada crise, ano após ano, comprovar toda a sua vocação agrícola, que se estende desde os tempos escravocratas da cana-de-açúcar. O país se consolida efetivamente como uma das grandes potências do agronegócio mundial, devido a fatores favoráveis para a contínua expansão desse mercado, como: o farto espaço territorial, mão-de-obra acessível e diversas questões ligadas à conjuntura internacional. Desse modo, o país é visto por muitos especialistas como o principal candidato ao posto de grande fornecedor alimentício global.

Devidos aos fatores citados e outros pontuais, o agronegócio brasileiro é considerado uma atividade próspera, segura e rentável. Com um clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda a água doce disponível no planeta, o Brasil tem, segundo dados recentes, mais de 380 milhões de hectares de terras agricultáveis férteis e de alta produtividade, dos quais cerca de 90 milhões ainda não foram explorados.

Em consequência, o agronegócio é, hoje, a principal locomotiva da economia brasileira e responde por R\$ 1,00 em cada R\$ 3,00 gerados no país. Em comparação ao cenário mundial, o Brasil possui cerca de 22% das terras agricultáveis do mundo, além de elevada tecnologia usada no campo, dados que fazem do agronegócio nacional um setor moderno, eficiente e competitivo no cenário internacional.

E todo esse contexto brasileiro atual do agronegócio enquadra-se em uma evolução que remonta a vários séculos passados a este, em mudanças marcadas sempre por altos e baixos. Só para se ter uma ideia da complexidade e da profundidade deste crescimento contínuo, um estudo do Prof. Dr. do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo), Humberto Francisco Silva Spolador, mostrou que a tendência histórica, ao longo do século XX, foi de queda da participação do PIB (Produto Interno Bruto) da agropecuária no PIB brasileiro. Ao final da década de 90 essa tendência deixou de ser observada.

Entre 1998 e 2003 – quatro anos do governo de Fernando Henrique Cardoso e posterior início do governo Lula – houve aumento da participação da agropecuária e do agronegócio no PIB brasileiro.

Spolador mostra que esse aumento pode ser entendido como o resultado do aumento da produtividade agrícola, que variou positivamente em oito dos dez anos da década de 90 e permitiu o crescimento do produto e das exportações do agronegócio brasileiro.

“Em alguns anos da década atual, especialmente em 2004, mesmo com crescimento das exportações, a taxa de crescimento do PIB do agronegócio foi inferior ao crescimento da economia brasileira, resultando na queda da participação deste setor. Nos dois anos seguintes, a valorização cambial reduziu o crescimento das exportações do agronegócio. O PIB do setor diminuiu 4,7% em 2005 e cresceu apenas 0,5% em 2006, o que resultou na continuidade da queda da participação deste setor na economia do país nos anos recentes”, demonstra o especialista. Em 2007, entretanto, a intensificação da valorização cambial, e a consequente redução das exportações da maior parte dos produtos agrícolas, contrastaram com o aumento de 7,9% no PIB do agronegócio, e com o consequente e constante aumento, nos anos seguintes, da participação deste setor na economia.

O que esperar de 2011?

Grandes resultados demandam responsabilidades ainda maiores. O bom retrospecto da evolução do agronegócio brasileiro face ao contexto mundial traz ao novo governo da República, sob os cuidados da presidente eleita Dilma Rousseff, necessidades e desafios que devem ser superados para que o agronegócio nacional possa acompanhar as constantes exigências impostas pelo mercado mundial.

Segundo o Professor da Faculdade de Economia da UFF (Universidade Federal Fluminense), Carlos Enrique Guanzirolí, vários fatores contribuem para que haja grandes chances, no longo prazo, do Brasil aumentar sua produção agrícola (principalmente de soja e milho). Pelo lado da oferta cabe destacar que o Brasil possui grandes áreas ainda inexploradas ou deficientemente exploradas que poderão ser in-

corporadas à produção agrícola no futuro se houver investimentos em produtividade e em meios de escoamento das safras.

Embora as perspectivas de continuação do desempenho do agronegócio continuem promissoras, há problemas tanto conjunturais como estruturais que podem definhir este sucesso. Como expõe Guanzirolí, entre estes principais entraves, estão:

- Problemas ambientais gerados pela expansão exagerada e desordenada das lavouras de soja junto a rios, lagoas e florestas no Centro-Oeste, e desmatamento de regiões de fronteira com a Amazônia para implantar pastagens para a pecuária. Novas pragas que surgiram em função da persistente atividade monocultora (como a ferrugem asiática), e novos pesticidas a serem aplicados para combatê-las;
- Preços agrícolas domésticos e internacionais, e cotações cambiais desfavoráveis;
- Desemprego na agricultura, apesar do boom do agronegócio, trata-se de modelo que emprega pouco e que ocasiona um esvaziamento das áreas rurais. A pobreza rural diminui pouco apesar do boom enorme das exportações agrícolas, o que não gera expectativas de desenvolvimento rural positivo e sustentável;
- Pouca ou nula integração dos modais de transporte formado por hidrovias, ferrovias e rodovias, ocasionando uma dependência do transporte rodoviário. Infraestrutura de estradas e armazenamento em estado precário, o que complica o escoamento das safras, principalmente das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Em suma, é possível perceber que os problemas e entraves no caminho do Brasil para o crescimento sustentável contínuo de seu agronegócio não se modifica consistentemente de um governo a outro. As questões conjunturais, de logística e sociais permanecem como o grande desafio para o novo governo e para o ano de 2011, possivelmente, se estendendo para os períodos seguintes. 

